

As características jornalísticas e literárias dos textos da coletânea “Entretanto, foi assim que aconteceu”¹

Ana Carolina Pertille de OLIVEIRA²
Marília Gabriela Simão dos SANTOS³
Fabiano ORMANEZE⁴

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o livro “Entretanto, foi assim que aconteceu: quando a notícia é só o começo de uma boa história”, escrito pelo jornalista Christian Carvalho Cruz, através dos conceitos de Jornalismo Literário baseados na teoria dos sete pilares, conforme definida por Sims (1996). A análise de variados textos que compõem a coletânea demonstrou a presença de todos os elementos que permitem classificá-la como um exemplo de Jornalismo Literário, sem deixar de lado os fundamentos jornalísticos tradicionais, como a relevância e a precisão.

Palavras-chave: jornalismo; jornalismo literário; reportagem.

Introdução

O livro “Entretanto, foi assim que aconteceu- quando a notícia é só o começo de uma boa história” é uma publicação que reúne 23 reportagens escritas por Christian Carvalho Cruz, publicadas anteriormente no *Aliás*, caderno do *Estadão* em que o jornalista trabalha atualmente.

As reportagens ali divulgadas figuram-se entre textos de caráter investigativo e perfis, com informações que vão além do preenchimento do lead. Segundo Pena (2007), o jornalista que trabalha com o literário não deixa de honrar as técnicas utilizadas no jornalismo diário, o que ele faz é

desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2007, p. 06)

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: acpertille@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email mariliag_ss@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor da PUC-Campinas, email: ormanze@yahoo.com.br.

A produção do jornalismo literário é feita pensando-se na forma e na estética do texto, que foge do formato tradicional, caracterizado pelo uso do lead, em que as informações mais importantes aparecem no primeiro parágrafo de uma notícia, respondendo às primordiais seis perguntas (o quê, como, quem, quando, onde e por quê) e dá mais liberdade para que o jornalista escreva a história inserindo subjetividade e parcialidade, elementos não assumidos no jornalismo diário. Portanto, entende-se a produção literária do jornalismo como a “metodologia de trabalho que integra as ferramentas da reportagem (para a investigação e apuração dos fatos) e a linguagem típica da literatura, com a criatividade sendo estimulada na forma de narrar.” (ORMANEZE, 2009, p.42)

Além disso, para que uma boa narração literária seja criada, é preciso que o jornalista se insira no acontecimento, explore as peculiaridades dele e colete o máximo de detalhes, pois isso enriquece o texto e aproxima o leitor de todo o acontecimento. Para Pena (2007), a preocupação do jornalismo literário, então,

é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível, o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração. (PENA, 2007, p. 07)

A aplicação da literatura no meio jornalístico respeita não somente as características aqui já citadas, como também os sete pilares estabelecidos por Norman Sims (1996): humanização, imersão, estilo, voz autoral, símbolos e metáforas, digressão e precisão de dados e informações. Dessa forma, neste artigo, analisaremos como essas características estão presentes nos textos de Christian Carvalho Cruz.

Os sete pilares

1. Humanização

Característica primeira e mais importante do jornalismo literário, segundo Sims (1996), a humanização consiste em utilizar o personagem como foco da história; ele e suas histórias são os protagonistas do que é relatado, diferentemente de notícias produzidas para o jornalismo diário, em que o personagem aparece para sustentar fatos.

A humanização pressupõe o intuito de narrar as histórias a partir das experiências de vida, selecionando para isso personagens. Nessa proposta, as pessoas não servem

para ilustrar um fato ou um dado, como quer jornalismo tradicional. Pelo contrário: eles protagonizam a narrativa. (ORMANEZE, 2009, p. 45)

No livro, Christian utiliza essa ferramenta em quase todas as suas reportagens, explorando desde histórias de celebridades até de pessoas simples, anônimas, com suas peculiaridades esquecidas em pequenas notas no canto das páginas do jornal, como apenas mais um acontecimento.

Em “Fóssil à deriva”, reportagem que conta a curiosa história de um Pantaneiro que encontrou uma antiga embarcação indígena, o personagem principal é o Pantaneiro, a quem Cruz descreve e humaniza cautelosamente.

Vinha o Pantaneiro por aquele sertão de Deus-abençoe, mato fechado e fresco, depois de desbarrancar do calor da estrada de terra para a beira do riacho. Vinha de sola nua, porque é assim que desde criança ele gosta de andar. Andar para nada, só andar. A água dava no joelho, e o Pantaneiro pôde entrar e ficar de pé lá no meio, só de calção, lançando a linhada aos lambaris. (2011, p. 53)

Outro exemplo está no texto “42 bico largo”:

Wojtyla surpreendeu Etienne pela estatura. Primeiro física, depois religiosa. Aos 44 anos, o arcebispo mantinha a vigorosa postura de esportista que fora na juventude. Vestia-se como um vigário de aldeia, batina preta comum e chapéu redondo simples, sem nenhum vestígio do encarnado do arcebispo. Mas tinha os olhos de aço, se bem recorda Etienne. (2011, pg. 67)

Nesse caso, o jornalista narra a história de Etienne Samain, antropólogo, teólogo e professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) que, nos tempos em que era padre recém-ordenado, ajudou Karol Wojtyla, mais conhecido como Papa João Paulo II, emprestando-lhe os sapatos em um dia de chuva na Bélgica. A história tem importância, pois na época da publicação da reportagem no Estadão (maio de 2011), o Papa seria beatificado.

O autor encontrou e retratou alguém que conheceu e ajudou Wojtyla há quase 50 anos, muito antes de ele se tornar o líder da Igreja Católica Romana. Dessa forma, o autor conseguiu humanizar não só Karol Wojtyla, retratando sua personalidade antes de ser mundialmente conhecido, como também de Etienne Samain, como o rapaz que emprestou seus sapatos para o futuro Papa.

2. Imersão

“Para poder escrever sobre a vida, primeiro você deve vivê-la”. Essa frase, citada por Ernest Hemingway (2008), caracteriza de forma objetiva a imersão, pois, para que uma boa reportagem literária seja escrita, é preciso muito mais que apenas apurar as informações, é preciso vivenciá-las, ter intimidade, apanhar o máximo de detalhes e dados. Com isso, o jornalista permite que o leitor crie, mentalmente, a imagem dos lugares, pessoas e minúcias do fato narrado. “A proposta é permanecer o máximo possível em contato com os personagens e com as cenas que serão retratadas, uma vez que isso permitirá uma abordagem mais densa e uma descrição mais coerente e fidedigna.” (ORMANEZE, 2009, p. 43)

O autor das reportagens aqui analisadas trabalha essa característica com muito cuidado e em todas as histórias presentes no livro é possível perceber o quanto Cruz se preocupou em captar detalhe e transpô-los em sua narrativa, como é possível perceber nos trechos: “Quando o repórter chega eu já estou pronta. Calça preta, camisa vermelha combinando com o batom e o esmalte das unhas, e bolsa preta com desenhos dourados.” (2011 p. 78)

Quando me perguntam se eu toco algum instrumento, respondo que toco o melhor deles: CD. Tenho cerca de 300 títulos em minha coleção – exclusivamente de música erudita, obviamente. Criei um método muito bom de organizar os CDs, que ocupam diversas caixas de sapato sem tampa dentro de um armário. (2011, p. 79)

Os fragmentos pertencem à reportagem “Uma senhora batuta”, e mostra a observação e pequenos detalhes que o repórter encontrou em sua visita a Gaetana, personagem principal e que aparece como narradora da história (1ª pessoa) – porém, aos olhos de Christian.

O jornalista torna-se também personagem em alguns textos – como em “1 milhão na 25”, em que descreve sua experiência no maior centro comercial da América Latina na época das festas de fim de ano:

E então virou à direita na 25 e foi colhido por dois galaláus em camisa regata que disputavam um relógio pela pulseira. Puxa daqui, puxa de lá. Eita, assalto! Nada. Controle de qualidade. Esticavam as tiras com todas as forças e preces querendo provar que não reventam. (2011, p. 47 e 48)

A característica descritiva e narrativa dos textos só é possível em razão da imersão, do aprofundamento das entrevistas e observações feitas pelo repórter.

3. Estilo

A palavra estilo provém do latim e significa “caneta”. O estilo é a sua marca registrada no texto pela forma que escreve; a maneira como se cria, estrutura e narra a história parte do olhar do autor a respeito do que será contado. “O importante é ajustar o texto para causar impacto e prender a atenção do leitor” (ORMANEZE, 2009, p. 49). Além disso, utilizam-se recursos de outras formas narrativas. “O jornalista diferencia seu texto criando recursos e emprestando da narrativa ficcional estratégias como o suspense, a descrição detalhada dos fatos, a reprodução de diálogos e até o fluxo de consciência.” (ORMANEZE, 2009, p. 49)

Christian Carvalho Cruz adota diversos traços em suas narrativas que permitem identificar seu estilo de escrita. Um deles é o fato de o leitor poder sentir, ao ler o texto, que o repórter está conversando com ele, e não apenas narrando o fato, como no trecho: “Muito bem. Se isso aqui fosse escola de samba... humm, deixa eu ver... podemos tentar algo como (...)” (2011, p. 153), retirado de “Isto sim é diva”, perfil da cantora Elza Soares. É possível perceber a ‘tentativa’ de diálogo pelo fluxo de pensamento do autor registrado no trecho com o “humm, deixa eu ver”.

Outra marca de Christian em sua narrativa está presente em “A vida em rosa”, texto em que, divertidamente, o autor conta uma história baseada no primeiro processo judicial relacionado a pirataria de flores no país. A personagem principal é Versília Pink, uma espécie de rosa, motivo de o processo acontecer. No texto, pode-se observar na própria linha fina o estilo do autor “O mineirim gaiato vs. o gringo dotô no primeiro processo por pirataria de flores do país” (2011, p.59). Aí, Cruz utiliza de uma marca linguística de Minas Gerais, a terminação “im”, reafirmando um estilo de linguagem para este texto.

Outro fragmento que retrata o estilo de Cruz está presente no texto “La habitación caiu”, em que ele utiliza do portunhol para desenvolver uma narrativa que garanta a compreensão de todos os brasileiros que leem, e ao mesmo tempo, fazendo associação à língua falada por Maradona, destinatário da ‘carta’ escrita.

Pero nos perturba particularmente seu apetite por las unhas. É uma novidade para todos, nunca te viram roe-las antes. Sentimos que corre peligro. Usted não conhece meio termo, quier siempre tudo por inteiro. Entonces, o que serão de las manos de Diós se usted comer pedaços delas a cada juego perdido? (2011, p. 110)

No texto “Baile dos descarados”, o autor deixa mais uma marca de seu estilo, utilizando traços entre palavras para enaltecer a forma em que se lê o que, depois, ele explica serem alguns dígitos seguidos de uma barra e outros dígitos. O número faz referência ao número do mais jovem morto registrado no livro de mortes do cemitério de Santa Cruz. “Na página 12, ele localizou o um-três-quatro-vingte, o que só foi possível devido a código 134/20 e ao dia correto do enterro” (2011, p. 30).

Esse recurso também foi utilizado em outros textos, o que o define efetivamente como marca do autor, a exemplo do trecho a seguir, encontrado em “Crônica de uma morte à toa”. “Cunha memorizou a placa, “dado-golfe-bravo-vingte-e-cinco-cinco-cinco-cinco”, e chamou a polícia de verdade.” (2011, p. 37).

Na reportagem, Cruz conta a história da trágica morte de Adriano da Fonseca, 20, um ajudante de sapateiro que vivia de maneira simples - característica do personagem identificada na descrição minuciosa feita pelo autor - e havia acabado de comprar uma câmera fotográfica e a estrearia após o trabalho em uma festa a qual iria. “Adriano só pensava em estrear seu novo xodó: uma Kodak C1013R, 10 megapixel, recém-comprada no carnê das Casas Bahia: nove parcelas de R\$97, incluindo o seguro de vida que encerra o débito automaticamente se o cliente morrer.” (2011, p. 34). Porém, ao atravessar uma avenida durante a madrugada, foi surpreendido por uma BMW a 150 km/h e faleceu.

O jornalista varia em seus textos o ponto de vista da narração, podendo ser em 1ª pessoa (o próprio como personagem ou sendo “outra pessoa”) ou 3ª pessoa. O jornalista revelou em palestra aos graduandos de Jornalismo da PUC-Campinas que decide o método de narração após conhecer e conversar com todas as fontes envolvidas na história em questão, mais uma influência da importância da imersão, como dito anteriormente, na criação de estratégias literárias.

4. Voz autoral

Uma das características mais fáceis de serem identificadas no jornalismo literário é a voz autoral, uma vez que o repórter se coloca no texto, não apenas como o narrador da

história – o uso da 1ª pessoa acentua ainda mais a característica da voz autoral -, mas também porque o olhar do autor contagia o leitor, cria-se uma identificação entre eles.

Essa tática também é um processo de humanização do próprio autor. “Ele passa a ser considerado parte de todo o processo (...) por vezes, o repórter será, inclusive, personagem, narrando suas dificuldades e percepções(...)” (ORMANEZE, 2009, p. 48).

Christian utiliza essa característica em diversos de seus textos. Um dos exemplos bastante perceptíveis está em “Ah, vai te catar!”, texto em que narra a experiência de ficar com o apresentador José Luiz Datena, da Rede Bandeirantes, nos bastidores do programa policiaisco apresentado por ele. No trecho a seguir, o autor usa expressões como ‘se dirigiu a mim’, ‘me dado’ e ‘e eu’, o que leva o leitor a entender sua presença no texto.

“Você veio aqui pra fazer perguntas ou pra me f...?”, foi como Datena se dirigiu a mim na manhã de quinta-feira, num corredor da Rede Bandeirantes, em São Paulo. Antes disso, ele tinha me dado um “Bom dia, como é que tá, velho?”, seguido de um caloroso aperto de mão. E eu ainda não abrira a boca. (2011, p. 161)

Outro fragmento do livro que marca a subjetividade incorporada pela voz autoral é do texto “De torpedo em torpedo”, em que Christian implica sua opinião, porém sem usar o pronome de primeira pessoa “eu”. No texto, o repórter conta a história de um concurso de digitação de mensagens de celular em São Paulo: “Com um pouco de maldade, pode-se dizer que Marcondes tem um bronzado cor de computador, entre o bege e o cinza. Mas ele não se importa com isso. Marcondes é dono dos polegares mais rápidos do Brasil.” (2011, p. 71).

Outro trecho desse mesmo texto que podemos encontrar voz autoral é o seguinte: “Mas quem sabe, se o aquecimento global permitir, em alguns milhões de anos termos evoluídos para uma nova espécie, o incrível Homo curvatus – híbrido de ser humano e avestruz que não ergue a cabeça e fala pelos polegares que é uma beleza.” (2011, pg. 76)

No decorrer da escrita, fica perceptível que o autor ficou impressionado com o número de mensagens que os adolescentes conseguem mandar em tão pouco tempo. Sua impressão sobre a situação fica nítida, principalmente quando finaliza o texto com uma brincadeira sobre a situação.

5. Símbolos e metáforas

A linguagem conotativa, caracterizada por uso de símbolos e metáforas no caso da literatura, é utilizada para tornar o texto tanto mais agradável, quanto também esteticamente trabalhado, próximo à arte literária. “Não faltam nesses textos exemplos de conotação, pensadas estrategicamente e com uma preocupação estilística, como forma também de o autor mostrar o seu estilo” (ORMANEZE, 2009, p. 51).

Ao longo da leitura do livro, percebe-se a presença de metáforas, principalmente, como no trecho a seguir, retirado da primeira reportagem do livro, “De tigre a bem-te-vi”, que narra alguns dias da vida do último exilado da ditadura a voltar para o país, Antônio Geraldo Costa, o Neguinho, que quando exilado para a Suécia mudou o nome para Carlos Juarez de Melo: “O Carlos Juarez era Neguinho estraçalhado pela tortura, casmurro, pão-duro na risada e atormentado por uma brutal mania de perseguição que o impediu de voltar ao país mesmo depois da Lei da Anistia, 30 anos feito neste domingo.” (2011, p. 17)

No mesmo texto, encontra-se outro trecho com uma forte presença de metáfora: “Mas Neguinho vai dizer que o Carlos Juarez está morrendo lentamente. Um pouco a cada manhã de bem-te-vi na janela, desde que desembarcou no Rio de Janeiro, em 21 de julho, como o ‘último exilado da ditadura a retornar ao país’.” (2011, p.18).

Outro trecho, do texto “A princesa que tomava ônibus”, mostra um símbolo utilizado por Christian para fazer referência ao carro que D. Bertrand Januário Maria José Pio Miguel Gabriela Rafael Gonzaga de Orleans e Bragança, membro descendente da família imperial brasileira, entrara, escoltado por seguranças. A menção utilizada pelo autor causa sensação de ironia: “Adentrou a nave escoltada por 12 cadetes do Batalhão do Imperador, imaculados e imóveis em suas casacas azuis, luvas brancas, chapéus de penacho e ‘sentido’, ‘apresentar armas’ e ‘descansar’ de praxe.” (2011, p. 93).

6. Digressão

Digressão, segundo o Dicionário Priberam, trata-se do ato de desvio de rumo ou assunto; exatamente a sua função no texto jornalístico literário. O efeito de fazer digressões, no Jornalismo Literário, está representado nos ‘cortes’ realizados no texto para introduzir informações complementares à história principal. Portanto, a digressão

pode ser compreendida como a busca por uma nova possibilidade de tratar o assunto central, afastando-se da narrativa do fato ou do personagem retratado e buscando, inclusive, em outras áreas do conhecimento, informações complementares, que contextualizam e expliquem fatos ou atitudes. (ORMANEZE, 2009, p. 52)

Em “Crônica de uma morte à toa”, texto já citado no item 2.3, o autor apresenta uma digressão quase ao final do primeiro parágrafo, quando interrompe a narrativa para incrementar informações estatísticas:

Em menos de 24h Adriano estará morto, jogado no asfalto, o tronco voltado para o meio-fio, as pernas finas retorcidas para trás e os olhos abertos, vítimas de mais um atropelamento em São Paulo. Em 2008, informam os gráficos frios da Companhia de Engenharia Elétrica de Tráfego (CET), foram 7.602, mais de 20 por dia, quase 30% de todos os acidentes de trânsito registrados na cidade. (2011, p. 39)

É possível encontrar digressões durante toda a narrativa, como no trecho:

A Curva de Ashton, um gráfico adotado mundialmente pelos departamentos e estudiosos do trânsito, mostra que um atropelamento a 32 km/h a probabilidade de pedestre morrer é de 5%. No dobro da velocidade, 64 km/h (ou seja, menos da metade dos 150km/h em questão), o índice de morte vai para 85%. (2011, p. 36)

Enquanto narra o acidente, o autor faz uma quebra para mostrar ao leitor como a velocidade pode aumentar drasticamente o impacto. Além de ser uma informação importante e que confirma de certo modo o ponto de vista do jornalista, quebra o ritmo da descrição de como ocorreu o acidente trágico e violento, deixando o texto e a leitura mais leve.

7. Precisão de dados e informações

Esta característica é a que mais se aproxima do jornalismo diário. A reflexão a ser feita que diferencia é que os dados precisam estar no lugar certo dentro do texto para não perder o teor literário. As estatísticas são apresentadas aos poucos, integrando uma narrativa e não sendo o foco da história. O jornalista precisa realizar a apuração profunda e reunir o maior número de informações e números possíveis para compor a narrativa.

[...] O repórter deve ter em mente a busca de informações checadas e confiáveis que vão lhe assegurar uma narrativa centrada em fatos e não em invenções. Além disso, o uso de dados como números e estatísticas oficiais, quando bem colocados no texto, sem que faça o leitor perder o interesse, confere-lhe credibilidade. (ORMANEZE, 2009, p. 51)

O autor das reportagens utiliza minuciosamente a precisão, ainda mais quando o texto se trata de algo factual, como no trecho “Ao ser capturado, Pinpoo estava a um quilômetro e meio do terminal da Gol de onde fora despachado 14 dias antes, ao custo de R\$ 684 (fora os R\$ 132 da caixa de transporte).” (2011, p. 141) do texto “E Pinpoo se foi sem nunca ter ido”.

A reportagem conta a história do resgate de Pinpoo, um cachorro que havia sido extraviado ao ser despachado de Porto Alegre para Vitória. Em pouco tempo, a notícia tomou o país todo e, duas semanas depois, Pinpoo foi encontrado pelo sargento Paulo Roberto Ribas, que ganhou o título de herói pelo resgate. No texto, é possível ver a importância de se colocar dados factuais para impressionar o leitor da situação narrada, e com isso despertar curiosidade, indignação, entre outros.

Diversos exemplos podem ser encontrados nos textos do jornalista, como no texto “Baile dos descarados”:

“A terra previu com seis anos de antecedência, no maior descaramento, quantos de seus jovens serão assassinados até 2012: coisa de 33 mil garotos e garotas sem cara, segundo relatório do governo federal, Unicef e Observatório das Favelas.” (2011, p. 25)

E também no texto “De torpedo em torpedo”:

Estima-se que todos os meses um bilhão de torpedos trafeguem pelo éter da telefonia celular brasileira. Isso dá uma média de oito mensagens por aparelho. Uma milharia perto dos Estados Unidos (388 SMS por celular/mês), da Venezuela (182), de Portugal (132), ou da Argentina (108), segundo dados da consultoria Teleco. (2011, p. 72)

Interessante é notar que esses números, em geral, se estiverem num texto escrito a partir da técnica da pirâmide invertida, seriam o foco da reportagem, possivelmente sendo citados no lead ou mesmo em linhas-finas e títulos. Como o foco do jornalismo literário são as narrativas e as histórias dos personagens, esses dados aparecem como essenciais, no entanto, de forma a explicar a narrativa, a compô-la, e não protagonizando-a.

Considerações finais

O que expomos aqui são impressões de um trabalho árduo em se desvincular de um formato tradicional e criar maneiras de se relatar informações tanto de espectro amplo, que atinge um público expressivo, quanto de menor espectro, caracterizados por histórias que passam pelos olhos sem causar maior impacto, sem que elas percam o caráter jornalístico primeiro: informar, mas desta vez de forma humanizada e sensível.

Ressalta-se aqui que Christian relatou, em uma palestra ministrada na PUC-Campinas, que não acredita fazer jornalismo literário. Para ele, as pessoas não conseguem distinguir o aspecto literário da ficção, o que pode distorcer a credibilidade do que é publicado. De qualquer forma, a análise literária aqui escrita permite perceber que sua narrativa e as ferramentas que utiliza para desenvolver as reportagens se encaixam nos conceitos de sete pilares, caracterizando os textos como exemplos de Jornalismo Literário.

Importante citar que o jornalismo vive em eterno desenvolvimento. A aplicação literária permite abrir os olhos para entender que o tradicional *lead* não é tudo na produção jornalística; que ele pode ser uma importante ferramenta que abre caminho para elucidar histórias que merecem muito mais espaço do que dois ou três parágrafos.

Referências bibliográficas

CRUZ, Christian Carvalho. **Entretanto, foi assim que aconteceu: quando a notícia é só o começo de uma boa história**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2011.

HEMINGWAY, Ernest. **A boa vida**. São Paulo: Larousse, 2008.

ORMANEZE, Fabiano. Pistas para decifrar o enigma: uma análise de Os Sertões a partir do jornalismo literário. **Letras (Campinas)**, v. 28, p. 14-26, 2009.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. **Contracampo**, v. 2, n. 17, p. 43-58, 2007.

SIMS, Norman; KRAMER, Marker (orgs.). **Literary Journalism**. Nova York: Ballantine Books, 1996.

Dicionário Priberam. **Digressão**. <<http://www.priberam.pt/dlpo/digress%C3%A3o>>, Acesso em 15 de maio de 2015.